



Ibero-América em Democracia



Três crises que ameaçam o progresso social

Resenha do livro *Educación universal. ¿Por qué el proyecto más exitoso de la Historia genera malestar y nuevas desigualdades?* (Moreno & Gortazar, 2024).

ESCRITO POR TAMARA DÍAZ FOUZ

O que a educação tem alcançado nas últimas décadas é extraordinário. Poucos fenômenos ilustram melhor a globalização do que a expansão dos sistemas educacionais formais no último século. No entanto, os avanços do século XX deram lugar a um cenário atual mais complexo.

No ensaio mencionado, Juan Manuel Moreno e Lucas Gortazar analisam esse paradoxo. A partir de uma perspectiva comparada e solidamente fundamentada em dados, os autores exploram como, apesar de suas conquistas, a educação universal está em crise.

O livro é estruturado em três grandes seções, nas quais são apresentados exemplos de diversas regiões do mundo para ilustrar diferentes realidades socioeducativas. Com uma narrativa ágil, analisam as principais dificuldades que o sistema educacional atual enfrenta e suas implicações para o futuro.

Capturar a profundidade desta obra em poucas linhas é uma tarefa complexa e arriscada. Mais do que uma tentativa de síntese, esta resenha se concentra em explorar três crises que ameaçam o futuro da educação universal.



- **(1) A crise da aprendizagem: por que a escolarização não é o mesmo que a aprendizagem**

O livro parte de uma premissa amplamente aceita: no último século, e especialmente nas últimas cinco décadas, o mundo fez um progresso sem precedentes ao integrar milhões de pessoas à educação formal. Tanto a quantidade quanto a qualidade da aprendizagem melhoraram, o que se reflete na redução do analfabetismo e na expansão do acesso à educação básica. No entanto, o fato de os efeitos da escolarização sobre a aprendizagem variarem de acordo com o nível educacional, a região ou o período histórico indica que o acesso em si não garante os mesmos resultados em todos os casos.

A escolarização e a aprendizagem, embora estejam relacionadas, nem sempre andam de mãos dadas. É possível que o aumento dos anos de escolaridade não se traduza em um progresso similar nas habilidades e nos conhecimentos adquiridos. A qualidade dos sistemas educacionais está se deteriorando apesar do avanço na escolarização? A democratização da educação pode favorecer a igualdade de acesso e, ao mesmo tempo, intensificar as desigualdades nos resultados.

Como se observa, os dados levam tanto

ao otimismo quanto ao pessimismo. Embora haja mais alunos escolarizados do que nunca, é provável que, em média, obtenham piores resultados. Isso se deve, em parte, ao fato de que, no passado, muitas pessoas ficavam fora do sistema e não eram consideradas nas análises; portanto, a desigualdade no passado era muito maior do que é atualmente.



O grande paradoxo é que, à medida que o acesso à escolarização se expande, as diferenças nos resultados da aprendizagem aumentam e, em alguns casos, a qualidade média da educação pode ser afetada.

- **(2) A crise das aspirações: quando as expectativas aumentam e a confiança do público diminui**

Nas últimas décadas, as aspirações individuais e sociais em relação à educação cresceram significativamente. Com a expansão dos sistemas educacionais, as expectativas aumentaram. Para aqueles que ingressam no ensino médio e superior, as aspirações aumentam; mas para aqueles que já estão



no sistema, há o risco de serem deixados para trás, o que os autores chamam de “ansiedade de status”, e impulsiona uma mudança estrutural em direção a uma maior ênfase em sua dimensão competitiva.

Uma das manifestações mais evidentes desse fato foi o surgimento do que é conhecido como “educação paralela”, ou seja, o auge do mercado privado de aulas particulares, plataformas on-line e outros serviços complementares. Isso deu origem a um negócio paralelo de educação que se institucionalizou em muitos países como uma atividade econômica.

Paradoxalmente, o aumento das expectativas reflete uma maior confiança no princípio da igualdade de oportunidades; no entanto, as evidências de corrupção nas provas ou a necessidade de recorrer a aulas particulares para garantir o sucesso acadêmico tem corroído essa esperança.



Nesse contexto, o sucesso não é mais medido apenas pela aprendizagem, mas pelas notas, pelos diplomas e pelas oportunidades que eles geram.

Assim, a confiança da sociedade se baseia na natureza competitiva e diferenciadora do sistema, e não em seu potencial equalizador. Além disso, essas expectativas influenciam não só as decisões de investimento, mas também a forma como os pais educam seus filhos.

- **(3) A crise da meritocracia: ferramenta de igualdade ou armadilha encoberta?**

A meritocracia, um dos princípios fundamentais da educação, enfrenta um questionamento crescente. Embora no passado defendesse a primazia do esforço e do talento sobre os privilégios herdados, com o tempo essa visão mudou drasticamente. A direita conservadora a adotou como uma narrativa conveniente, o que favoreceu que as elites continuassem mantendo sua vantagem. Por outro lado, grande parte da esquerda abandonou essa ideia, considerando-a uma justificativa para os privilégios das classes altas sob a aparência de uma concorrência aberta.

Moreno e Gortazar alertam que também se observa uma mudança de enfoque dentro da esquerda identitária. Enquanto a igualdade de oportunidades foi por muito



tempo o objetivo central, agora se busca a igualdade de resultados. A proposta de discriminação positiva por meio de cotas busca corrigir as lacunas sociais, mas também apresenta alguns riscos. Se cada diferença é atribuída a uma única causa e requer uma intervenção específica, a igualdade se torna inatingível. Nesse cenário, a fragmentação das identidades impede um projeto educacional compartilhado.



O desafio é equilibrar a necessidade de uma concorrência justa com a garantia de que todos tenham possibilidades reais de sucesso.

Em vez de se concentrarem apenas nas diferenças entre os grupos identitários, os autores propõem uma abordagem que atenda às desigualdades individuais dentro desses grupos. Para isso, é fundamental fortalecer a capacidade do sistema educacional de reduzir as desigualdades de origem, o que implica ampliar o acesso, melhorar as condições de ensino e garantir uma educação de maior qualidade. Também é necessário redefinir o conceito de mérito para que ele contemple uma certa diversidade de talentos e capacidades.

Embora reconheçam os problemas da meritocracia, os autores sustentam que suas alternativas não são melhores. O objetivo é melhorá-la e fortalecê-la com a aspiração de construir um sistema educacional que trabalhe ativamente para reduzir as desigualdades.

Diante destes desafios, para onde caminha a educação universal?

Educação e democracia: uma relação paradoxal

A complexa relação entre ambos os conceitos é cada vez mais evidente. Embora a expansão da educação tenha demonstrado sua capacidade de impulsionar o crescimento econômico e reduzir a pobreza, seu efeito sobre a democratização política não é tão claro.

Por um lado, parece que a democratização do acesso à educação não garante o avanço da democracia. Em muitos casos, quando uma progride, a outra retrocede, o que dá origem ao que denominam “frustração ilustrada”: o paradoxo de ter cidadãos mais instruídos, mas com maiores dificuldades para chegar a consensos.

Por outro lado, o retrocesso democrático coloca em risco a educação universal ao enfraquecer a confiança nas instituições



educacionais e no corpo docente. Os regimes iliberais, em ascensão em várias partes do mundo, transformaram a educação em um alvo de ataque. Nesse contexto, a “indústria da desinformação” desempenha um papel crucial na erosão da confiança pública, o que reforça a necessidade de uma alfabetização digital que permita proteger-se da infodemia.

Para os autores, uma democracia efetiva precisa de cidadãos capazes de tomar decisões informadas e coletivas, e a escola é o espaço fundamental para formar essas competências. Nesse sentido, as políticas educacionais devem centrar-se na melhoria da qualidade do ensino, especialmente por meio da formação e do apoio aos professores.

Apesar dos desafios, existem certezas que podem orientar o futuro da educação. Os autores destacam algumas chaves com amplo respaldo empírico: sabemos que a escolarização tem a capacidade de compensar e reduzir as desigualdades de origem, e que os professores são os atores essenciais nesse processo. Também está comprovado que a expansão da educação infantil entre zero e seis anos é a política de igualdade mais eficaz. Da mesma forma, ampliar a noção de mérito e sua avaliação para reconhecer habilidades cada vez mais valorizadas — como as artísticas, esportivas e digitais — é um passo necessário. Para isso, no entanto, é

preciso um maior investimento público, melhores condições para os professores e um compromisso firme com a melhoria da educação.



Apesar das dificuldades, há razões para o otimismo. Como Moreno apontou em uma entrevista recente, “entre todos os princípios do Iluminismo, o da educação universal é o que melhor resistiu ao passar do tempo”. Por sua vez, Gortazar enfatizou que “apesar dos desafios atuais, nossa situação educacional está melhor do que nunca”. Suas palavras lembram que, embora o caminho esteja cheio de obstáculos, o progresso educacional é inegável e o ideal iluminista de uma educação universal continua sendo um pilar essencial para o desenvolvimento social e o progresso democrático.

Referências

MORENO OLMEDILLA, J. M. & GORTAZAR DE LA RICA, L. (2024). Educación universal. ¿Por qué el proyecto más exitoso de la Historia genera malestar y nuevas desigualdades? Debate.